CLARINDA

NEGRA MÃE DO BRASIL

Dedicado a todas mulheres da família Penny

Esse é um pequeno resumo
do que eu descobri da vida
da Clarinda pelo que contam
nos jornais...

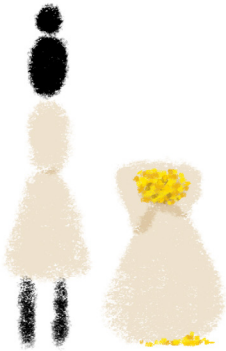
PELOTAS

Rio Grande do Sul, Brasil.

1881

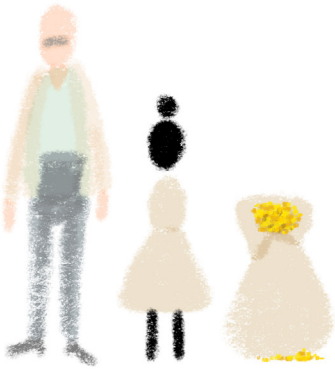
Clarinda tem 15 anos.

Clarinda é escrava.



26/02/1881

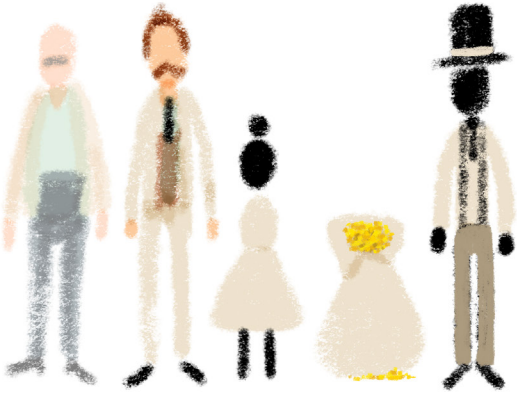
Clarinda ganha o grande prêmio da Loteria Ipiranga. Clarinda é milionária.



Clarinda é propriedade do
senhor André Crespo.

1881

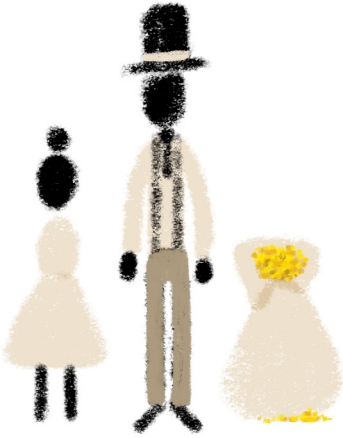
Clarinda, que tinha perto de 16 anos, não libertou ninguém em solteira, e seus bens foram administrados por um tutor, o Dr. Campello. Um ano mais tarde, ela casou-se com José Morena Penny, o qual tomou conta dos bens da esposa, tendo recebido Rs 51:971$622 mil reis como saldo do prêmio lotérico líquido de Rs 61:713$572 mil réis. Note-se que sua fortuna havia diminuído em um sexto em um ano, o que é estranho, tendo-se em vista não haver se encontrado nenhuma alforria patrocinada por ela nem escritura de compra de casas em seu nome no período.



Mas quem vende ela é o
Doutor João Chaves Campello.

1881

Escritura de quitação entre José Morena Penny, por cabeça de sua mulher e o doutor João Chaves Campello, lavrada a folha 61, frente e verso, do Livro 18 do Primeiro Tabelionato de Pelotas, ano 1881-1883, fundo 48, APERS.



15/12/1881

Clarinda Crespo se casa com José Morena Penny.

05/12/1881

O casamento de Clarinda e José Penny ocorreu dia 05/12/1881, e está registrado no Livro 8 de casamentos da Catedral São Francisco de Paula, anos 1883 a 1886, p. 70, verso, Bispado de Pelotas.

José da Rocha, de alcunha José Morena Penny era um conhecido trabalhador de um hotel central na cidade. José queria ser dono de um hotel com o seu nome.

15/02/1882

Se inaugura O Hotel e hospedaria Penny, o primeiro hotel propriedade de descendentes de negros do sul do Brasil.

Entre que José não tinha dotes de administrador e que o dinheiro atrai muitos amigos do alheio...

Hotel Penny

"Aos proprietários
d'este acreditado
estabelecimento, pedem
o obséquio de associarem
á limpeza, asseio e ordem
que tão rigorosamente
têm sustentado,
mais promptidão e
regularidade no serviço,
demasiadamente moroso.
Alguns freqüentadores."

O.J., 18.06.1882

Notícias

Sobre a compra do hotel:

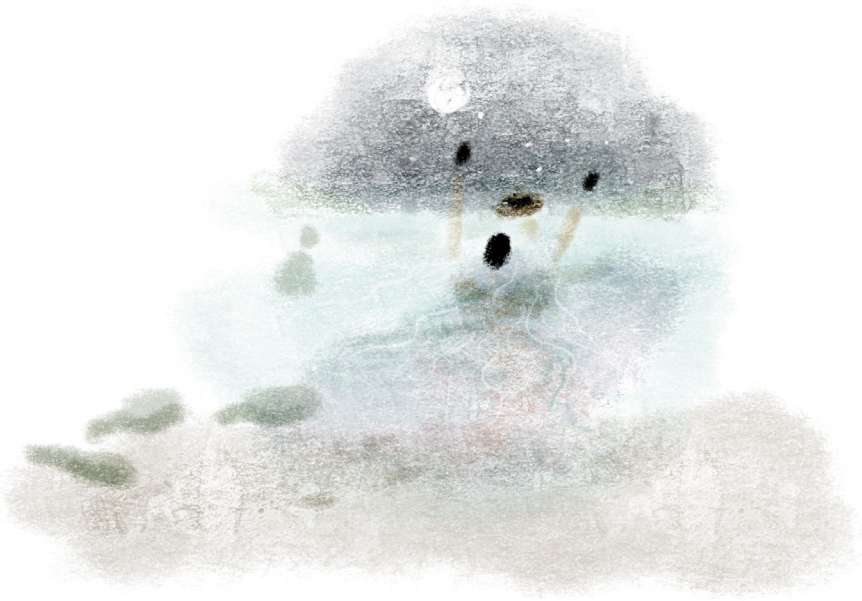
CORREIO MERCANTIL,
09/03/1882.

Sobre a venda:

ONZE DE JUNHO,
04/02/1885.

José Morena Penny
perdeu o hotel.

José Morena Penny
perdeu tudo e mais um
pouco em 2 anos.



25/11/1886

José se suicida...

Morre afogado no Arroio

Santa Bárbara.

Diário de Pelotas

26/11/1886

"Suicidou-se na madrugada de ontem o Sr. José Moreira Penny, há longos anos estabelecido entre nós, com hotel e hospedaria". *Prossegue afirmando que ele havia perdido muito dinheiro e* "ainda utilizou 800$ de uma sociedade na qual era tesoureiro. Não tendo como pagar, se jogou no [arroio] Santa Bárbara".

Clarinda Crespo Penny
tem 21 anos, é viúva e tem
três filhos para criar:
Durval, Juvenal e Nina.
Clarinda é livre.

1888

Se proclama
a abolição da
escravidão.

Nesse mesmo ano se inaugura a Bibliotheca Publica Pelotense onde oferecem cursos para jovens trabalhadores negros.

Durval e Juvenal são
alunos destacados
dos cursos noturnos
da Biblioteca enquanto
trabalham de tipógrafos
no Jornal Arauto.

ANNO V — PELOTAS, 10 DE MAIO DE 1907 — N. 17

A ALVORADA

PERIODICO LITTERARIO, NOTICIOSO E CRITICO

ASSIGNATURAS
Por mez . . . 500 réis
Por trimestre (Pagamento adiantado) . . . 1$000

PROPRIETARIOS
Durval Penny & Irmão
Redactores — Gerentes

Escriptorio e officina
RUA 3 DE FEVEREIRO N. 356

SUMMARIO

13 de Maio
Boletim
Uma pagina
Perfil elegante
Confissão
INCREDULA

13 de Maio

Data de Maio

Uma pagina

Para a cultura.

Perfil elegante

José Mariano da Silva

Confissão

A Alvorada dos Corações

INCREDULA

José do Patrocinio

Para a José Francisco Junior

07/05/1907

Durval e Juvenal junto com outros amigos criam o jornal A Alvorada, uma voz para a raça negra.

ANNO V — PELOTAS, 14 DE MAIO DE 1911 — N. 2

ALVORADA

PERIODICO LITTERARIO, NOTICIOSO E CRITICO

ASSIGNATURAS
Por mez . . . . . 1$000
Por trimestre . . . . . 2$500
(Pagamento adiantado)

PROPRIETARIOS
Durval Penny & Irmão
Collaboradores diversos

Escriptorio e Officina
RUA 3 DE FEVEREIRO N. 558

SUMMARIO

13 de Maio
Incredula
Uma pagina
Confissão
Perfil elegante
Ideal
Treze de Maio
Soneto
Noticiario
Saudando
13 de Maio
Caricaturas
Canção
Sala de recepção
Carta aberta
Saudando e retrucando
Pescando (secção critica)

13 de Maio

Depois do diluvio

RIOS de lagrimas ardentes, vaudades revoltos de purpureo sangue inundaram a verde America dos tapes.

Sangue e pranto: — sangue, a lagrima dolorida da carne; pranto, o sangue tristissimo das almas captivas. A terra sagrada de Santa Cruz transformou-se num oceano tetermino de luto.

Os relampagos que scindiam a opacidade negra do céo da Patria escrava, eram os tristes olhares doidos das pobres mães sem filhos; os trovões que faziam oscillar o mar funebre, eram os soluços dos esposos sem esposas; os raios que partiam de meio a meio as correntes dolorosas, eram as imprecações doidas dos miseros captivos.

O céo da Esperança, sempre coberto de bruma! O Deus dos desherdados, invisivel sempre!

Nada, a não ser a immensidade da lagrima; nada, sinão o jeremiar do soluço!

A Alma da Patria, como a grande area sagrada, fluctuava nas vagas tumultuosas do diluvio triste.

Andou errante muito tempo, sem asylo, boiando á flôr das tristes vagas, como o lotus da crença indiana — fugindo pela corrente clara do rio abençoado.

Andou errante a piedosa e doce Alma da Patria, vogando á feição dos ventos rudes pelo mar sombrio da agonia, sem vêr margens, sem avistar siquer um leve signal de praias no horizonte. E, como o céo abrio as cataratas enormes, chovendo sobre o mundo a cólera de Deus, os olhos dos escravos choviam a grande mágua das suas pobres almas e os corpos se cavaiam em sangue, inundando tudo, submergindo o sentimento, a honestidade, a honra, a felicidade, da terra de Cabral — a maldita.

A Alma da Patria, innocente como Noé, o patriarcha, levando no seu abrigo o amor, a paz, a crença, a fé e a esperança, fluctuando serena e mansa por cima das grandes aguas dolorosas, por cima dos vagalhões de dôres e melancolias prantendas — fugia, fugia sempre!

Um dia — a 28 de Setembro de 1871 — a Esperança abriu uma das janellinhas da area e viu uma ponta de terra, onde a Liberdade nascia, onde os rebentos appareciam á flôr da terra, livres, impolluidos, lavados do peccado original deixado pelos primeiros paes da Patria — os descobridores.

As mães já não choravam pelos filhos — eram lagrimas de menos, e as aguas luctuosas do diluvio abaixavam lentamente.

Fluctuou, fluctuou a Alma errante da Patria, e, depois de muito tempo a Esperança abriu de novo a janellinha e deixou fugir o corvo — no dia 29 de Agosto de 1885!

Em vez de voltar com o ramo da paz, o corvo fincou as garras no ventre dos miseros, achou pasto na putrefacção, banqueteou-se nos corpos captivos, tripudiou satanicamente sobre a triste orphandade dos negros sem Deus, sem Patria e sem Amor.

Entretanto, a Esperança, como Noé, esperava pela volta do emissario. O diluvio crescia; a inundação de lagrimas subia!

Longa foi a espera. Nem signal do corvo enviado — a podridão prendera-o.

A Esperança, a doce Esperança, deixou fugir a pomba, e ella, a ave da ternura, a imagem do coração das arvores innocentes, appareceu com o ramo abençoado, a paz, a liberdade, annunciando que as aguas do diluvio tinham desapparecido e que nada mais em breve restaria da pôdre e torpe miseria nacional.

Pomba da esperança, ave sagrada, entra pela Alma da Patria, entra, doce e caridosa moça coroada, mãe piedosa dos escravos, santissima bemfeitora de um milhão de negros!

Agora sim — o iris da paz — o arco da alliança, póde brilhar no céo purissimo da America, unindo-o em doce confraternidade ao mundo livre, porque nós tambem o somos... nós os brazileiros!

Tocamos no Ararat da Liberdade — podemos entrar na communhão dos povos.

José do Patrocinio.

INCREDULA

Para o José Perazzo Junior

Não, é mentira meu anjo, é mentira, sim, meu amor...

Porque receias tão desdenhosamente de amor immaculado e desvanceos da pureza de minha lealdade?...

Incredula que és...

Não vês o mimoso colibri que se alimenta do nectar dulcissimo e inebriante das flores; as borboletas doiradas, de cores variegadas, ageis e graciosas que sugam o mel ameno das magnolias, sem prevenu, indifferentes, doudas e alegres alangando-se dos cubiçosos?

E' mentira meu anjo, é mentira, sim, meu amor...

Não duvides perante as promessas que te prestei, antes crê, sem olhal-as, na sinceridade dos goivos do vergel de meu coração amavel.

Ingenua que és.

Ainda o barco da tua existencia, acrysolado de perfumosos atavios, vai singrando pelo Oceano azulinco da chimera, sonhadora primavera da juventude, tendo por céu a côr opalescente dos lagos e por estrellas a confusão sublimada de nossas esperanças.

Não duvides. Bem vês que essa dissenção que empede-nos o atalho, arremessada pela mão do invejoso, prestes se apagará pela unificação das grinaldas de nosso amor innocente.

Mas... que tens?.. porque tão melancholica te tornaste?... sentes, acaso, a argilla da agitação comprimir-te o coração juvenil?.

Ah! sim!. Então não duvides de minha lealdade de meu amor Quero ver-te sempre formosa, sempre a rir, rival dos anjos Isis pallida nas noites de insomnias; quero ver-te sempre a meu lado, bantindo do mesmo jubilo, saboreando da mesma dor.

E que importa, que bastida me poderá fazer retroceder, se minha vida está comprehendida em tua vida e a gloria que me engrinaldará será a mesma que banham os lyrios dos annos teus.

Que importa, se nos teus cabellos louros, querida, eu possuo um thesouro invejavel, orifiludos pelas lagrimas prateadas das nebulosas e acariados pelos dedos assetinados de Eolo?...

Ah! não duvides de meu amor santo e da pureza de minha lealdade...

Mentiu te o coração, incredula.

Mas, eu te perdôo, sim, eu te perdôo, mas... não faltes e nunca digas a ninguem que elle, ingenuo como é, já duvidou do amor santo que te voto e da pureza de minha lealdade...

Não digas, incredula, não digas, não...

Pelotas, Maio de 1911.

Flaviano Zelio.

Confissão

A' encantadora Cornelia de Sá Cavalcanti

Oh! terna e feiticeira virgem, fascinadora deusa que idolatro sinceramente: Confesso fielmente, oh! dêa de minh'alma, o que tristonho sinto por esse amor intenso que te voto, unico lenitivo de uma existencia amargurada.

Juro-te, oh! terna pomba extremecida, que neste mar da vida, procelloso, serás a unica bonança que tanto almejo, doce conforto para o triste naufrago, ante a procella que apavora tanto.

E, ajoelhado, agora tombo a teus pés, querida, jurando-te somente que com a maxima fidelidade, consagrar-te-ei sincero amor inextinguivel, juro-te que jámais no olvido lançarei teu nome sacrosanto e puro; nem mesmo o perpassar do tempo extinguir pode tanto amor assim.

Qual seja o sacrificio ingente que por ti não faça quem te adoro tanto?

Nem a maior causará temor para quem busca apenas adorar-te sempre.

Oh! terna e feiticeira virgem, escuta a confissão sincera que te faço agora, tenhas compaixão somente pelo desditoso que só pensa em ti

Quem a estima.

Uma pagina

Para o Bugre

Lá, onde canta o sabiá e perpassa o vento impulsionado pela viração do sul, habita a deusa da esperança...

Lá, em modesta habitação vive Clelia, morena de rara belleza que a todos fanatisa pela maneira gentil com que sabe receber a quem lhe conquista uma palavra.

Clelia, amavel, tem sempre a brincar na flor dos labios ancorados um sorriso que prende e seduz!

Um dia, dia feliz para o seu coração de moça experimentou uma acre commoção de alegria, pois appareceu em visita a sua humilde e vetusta residencia um bello mancebo moreno, olhos negros e de invejavel educação, que alli fôra levado pelos attractivos da bregeira Clelia.

Chegado de improviso, travou conversações com aquella boa gente e não tardou chegar Clelia, que soube impressionar o sympathico visitante!..

. . . . . .

Decorrido mezes, Juvenal, o bello mancebo, uniu-se pelos indissoluveis laços do hymineu com a gentil Clelia.

Pelotas 13—5—1911.

Zéca.

Perfil elegante

Zezé Machado.

Sympathica e seductora.

Encantam o priciosissimo jardim de sua venturosa existencia 19 ou 20 pétalas de açucenas;

Ella assemelha-se a uma estrella tão bella e meiga que brilha num céu de almas puras, é um pharól

A Alvorada foi a vitrine da nova sociedade negra de Pelotas e do sul do Brasil. Começou pequeno mas chegou a ter uma tiragem de mais de 3.000 exemplares em alguns momentos da sua longa trajetória.

ANNO V — PELOTAS, 13 DE MAIO DE 1907 — N. 1

ALVORADA

PERIODICO LITTERARIO, NOTICIOSO E CRITICO

PROPRIETARIOS
Durval Penny & Irmão
Redactores — Gerentes

Escriptorio e Officina
RUA 3 DE FEVEREIRO N. 436

ASSIGNATURAS
Por mez . . . 1$000
Por trimestre (pagamento adiantado) . . . 2$000

SUMMARIO

13 de Maio

Depois da Abolição

INCREDULA

Para o José Fernandes Junior

Confissão

Perfil elegante

Uma pagina

A Alvorada foi o jornal negro mais longevo do Brasil, se publicou de 1907 até 1956.

ANO XXXVI — PELOTAS, 5 DE MAIO DE 1943 — N.

A ALVORADA

NOVA FASE —— Periodico, Literario, Noticioso e Critico

Registrado sob o n. 19406 — Rua Barão de Santa Tecla, n. 678 — Telefone 1261

PROPRIETARIO:	PORTA-VOZ DA CLASSE	Fundado	SECRETARIO:
JUVENAL M. PENNY	PROLETARIA	em 5 de Maio de 1907	DORVAL BELCHIÓR

Mais uma etapa vencida

A 5 de maio de 1907, portanto a 36 anos, surgia, nesta progressista e aristocratica Princeza do Sul, o primeiro numero d'*A Alvorada*.

Pequenina, formato oitavo, com quatro páginas, repletas de materia dos mais inspirados escritores pelotenses, surgia na arena do publicismo.

Pequenina — sim, mas grande no seu rãio de ação, pois o seu programa era e continúa a ser até hoje, um verdadeiro hino de correção, trabalhando sempre afincamente por tudo quanto diz respeito ao progresso de Pelotas e defendendo os interesses daqueles que procuram as suas colunas para defeza dos seus direitos.

Juvenal M. Penf e seu digno irmão dr. Durval M. Penf — foram os seus fundadores, dois dinâmicos lutadores em prol da unificação dos homens de côr, ideal que constituiu sempre a maior preocupação e carinho daqueles fundadores.

Não julgavam eles, que a sua folha tivesse construido um tão sólido alicerce, onde até hoje, após 36 longos anos, ainda se encontre, firme e inabalavel, com a mesma galhardia, pois contam-se ás dezenas os semanarios que aqui se fundaram e tiveram vida efêmera, não sabemos se por falta de energia combativa ou se por inexperiencia no manejo da vida da imprensa.

A luta titanica sustentada por esta folha, no decorrer destes longos e arduos anos de existência, atestam a força herculea e boa vontade dos seus dirigentes, na conservação de um sagrado patrimonio moral.

Pelotas conta, desde ha vários anos, com um só semanário, que é a *Alvorada* — atualmente sob a exclusiva direção do sr. Juvenal Peni, que não medindo sacrificios, apezar da crise que assoberba a imprensa devido ao custo exorbitante da materia prima, nunca esmoreceu nem abandonou a linha de combate, vencido pelos tropeços que se acumulam na estrada do progresso das industrias e dos póvos.

As suas colunas, que sempre foram a tribuna livre de defeza de todos os desenvolvimentos em

Juvenal Penny

Diretor-proprietário desta folha e brilhante jornalista pelotense.

pról do progresso de Pelotas, continuam, ainda hoje, sem desviar-se do programa traçado, pugnando, cada vês mais, pela conservação de tão importante patrimônio.

Alem de ter cooperado por todos os meios para o progresso desta cidade, este jornal orgulha-se, hoje mais do que nunca, por ter sido o primeiro a dar o grito em pról da união e igualdade entre os homens; pugnado pelo ensino obrigatorio em todo o territorio nacional; a questão das 8 horas de trabalho; a campanha contra a empreza Teatro Guarani, que não consentia a entrada de pessoas de cor na platéia.

Esta folha venceu mais as seguintes campanhas: evitou que se levasse a efeito um espetáculo de critica ao Negus, no teatro 7 de Abril, durante a guerra Itália e Abissinia; a questão Porto Alegre, de um colégio rigido por uma de carinhagando matricula a uma côr, filha de um oficial do exercito nacional; e, ultimamente ruidosa questão do carnaval Pelotas.

Sente-se feliz por que todos esses problemas tornaram-se realidade.

Não lhe foi nunca possivel, devido a incompreensão dos nossos irmãos de raça, transformar este semanário, num grande jornal não só por ser uma tradição de Pelotas como por ser, tambem, o unico jornal fundado e mantido por um homem de côr, que tem demonstrado através desses longos anos a sua correção e amor a uma causa sagrada — a defesa e orientação de seus irmãos.

Não fosse uma força de vontade, esquecendo sacrificios e vencendo barreiras, ás vezes dificeis e esta folha teria baqueado como baquearam dezenas de hebdomadários que circularam nesta querida Pelotas.

Nunca lhe faltaram colaboradores e a boa vontade do povo desta hospitaleira Princeza do Sul, pois em suas colunas figuraram e figuram, uma pleiade de escritores, que ornamentam com suas penas as paginas pequeninas mas gloriosas deste semanario.

Não citaremos nomes, apenas salientaremos a figura de Juvenal Penf, porque a ele e á sua

(*Cont. na ultima pag.*)

Durval se afastou do jornal para estudar medicina. Em 1914 se forma por correspondência e de 1921 até 1942 foi dono e atendeu nas Farmácias Penny.

Durval foi o primeiro negro em ter carro em Pelotas para poder ir de uma farmácia a outra e atender onde fosse chamado.

Durval era um médico carinhoso e eficiente e ficou conhecido como o médico dos pobres ou o médico da pobreza.

Porquê chamavam ele o "médico dos pobres"?

"Ele facilitava o pagamento com gêneros alimentícios para obter clientes, opção que o levou até Capão do Leão, distrito de Pelotas formado por colonos alemães e negros camponeses que trocavam sua produção (galinhas, porcos e frutas) por consultas médicas."

Juvenal dirigiu e foi proprietário do jornal até 1946. Era a alma do Alvorada, typographo talentoso, comercial dedicado, jornalista por experiência.

Juvenal era o intrépido Dr. Pescadinha, o principal comentarista social do jornal e retratista de uma nova classe trabalhadora.

Juvenal também era dono da fábrica de fogos São Verissimo. Era organizador de espetáculos pirotécnicos e com essa combinação de atividades sustentou o jornal e a sua família.

O semanário registrou em 5/5/1948, no seu 41º aniversário:

[...] Durante trinta e oito anos Juvenal Penny manteve inabalável a direção deste semanário, auxiliado por seu digno irmão e nosso amigo Dr. Durval Penny e uma plêiade de colaboradores espontâneos e abnegados como Rodolpho Xavier, o mais antigo e cuja pena nunca se desviou do caminho retilíneo de uma conduta elogiável, abordando assuntos de interesse coletivo e combatendo os espesinhadores e inteligências tacanhas e arrogantes.

Infelizmente da Nina não sei muito, me imagino que sempre esteve junto com a sua mãe e que era uma pessoa muito amorosa, devota e bondosa. Parece que não teve filhos.

Clarinda estava orgulhosa.

Clarinda conheceu em vida os seus netos e morreu feliz, assim lembravam no Alvorada em 1914.

Clarinda Penny

Registrou-se, a 29 do mez findo, mais um anno do sentido trespasse, nesta cidade, da veneranda senhôra Clarinda M. Penny, idolatrada mãe dos nossos directores srs. Durval e Juvenal Penny.

Sobre a campa, que lhe encerra os restos, espargimos as flores sinceras da nossa funda saudade.

Clarinda morreu feliz.

Clarinda
tinha salvado
o sobrenome
Penny.

Durval M. Penny

Juvenal M. Penny

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os historiadores que me ajudaram a conhecer melhor o passado da minha familia. Em especial à professora **Beatriz Ana Loner** e ao "Núcleo de Documentação Histórica" da Universidade Federal de Pelotas.
E também a todos estes pesquisadores: Dalila Müller, Dalila Rosa Hallal, Alexandre Marques, Ângela Pereira Oliveira, Jeane dos Santos Caldeira, Fernanda Oliveira da Silva, Josué Eicholz, Flávia Carvalho Machado, Marcos Hallal dos Anjos, Lorena Almeida Gil, Mario Osório Magalhaes, José Antônio dos Santos, Eliane Peres, Janaina Schvambach, Natiele Gonçalves Mesquita, Carmem G. Burgert Schiavon, Felipe Rodrigues Bohrer, Caroline Leal Bonilha, Isabel Porto Nogueira, Francielly Giachini Barbosa, Ângela Pereira Oliveira Baladares, Gilberto Ferreira da Silva, Luiz Carlos Cunha Carneiro, Nara Nilcéia da Silva Santos, e muitos mais...

MUITO OBRIGADO!

Agradeço especialmente a Biblioteca Pública Pelotense e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo acesso ao acervo digital do Jornal A Alvorada.

Barcelona

fevereiro, 2020

© Textos e ilustrações: Jorge Penny